

**FUNDAÇÃO INTERNACIONALI NEGOTIA
EDITORA
SUBSECRETARIA INTERNACIONAL**

ISABELA FERNANDA DE OLIVEIRA SEIDEL

**CONSELHO DE SEGURANÇA DAS NAÇÕES UNIDAS
ASCENSÃO DO TALIBÃ NO AFEGANISTÃO**



**MODELO INTERNACIONAL DO BRASIL
BRASÍLIA-DF
2022**

ISABELA FERNANDA DE OLIVEIRA SEIDEL

**CONSELHO DE SEGURANÇA DAS NAÇÕES UNIDAS
ASCENSÃO DO TALIBÃ NO AFGANISTÃO**

**BRASÍLIA-DF
2022**

CARTA DO SECRETARIADO

Prezados(as) delegados (as), o Conselho de Segurança das Nações Unidas os recebe de braços abertos!

Está em suas mãos o importantíssimo papel de refletir sobre a ascensão do grupo Talibã ao governo do Afeganistão e debater quais as possíveis consequências e medidas de tal ação. Isto quer dizer que os países esperam diretrizes internacionais sobre diversos aspectos referentes à resposta que o CSNU trará referente a essa tomada de poder.

É preciso respeitar, sempre, o papel e trabalho de outros organismos internacionais, sendo que é possível designar decisões mais específicas para órgãos particulares. Em frente a um cenário de tantas incertezas, é pelo debate e construção conjunta e internacional que o Conselho de Segurança e as Nações Unidas conseguiram encontrar soluções para retomar democraticamente o governo afegão.

A comunidade internacional conta com vocês!

Boa sorte e bom evento.

RESUMO

O presente artigo acadêmico destina-se a expor a história da ascensão do grupo autoritário Talibã no Afeganistão. Para tanto, analisa os contextos sociais, políticos e religiosos do país em questão, além de pensar o impacto nas comunidades nacionais e internacionais. Dentre as diversas nuances presentes no governo autoritário do grupo, foram escolhidas as temáticas das mulheres e dos refugiados como grande foco.

Palavras-chave: Talibã, Afeganistão, Mulheres, Refugiados, História.

ABSTRACT

This academic article aims to present the history of the rise of the authoritarian Taliban group in Afghanistan. To this end, it analyses the social, political and religious contexts of the country in question, as well as thinking about the impact on national and international communities. Among the various nuances present in the group's authoritarian rule, the themes of women and refugees were chosen as a major focus.

Keywords: Taliban, Afghanistan, Women, Refugees, History.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	7
1 – O Conselho de Segurança das Nações Unidas (CSNU)	7
2 - História do Afeganistão	8
3 - Talibã.....	9
3.1 – Formação do Talibã	9
4 – Contexto Histórico.....	9
4.1 – Guerra Civil Afegã	10
4.2 – Desentendimentos entre a nova liderança	10
4.3 – Estabelecimento do Estado Islâmico do Afeganistão, controlado pelo Talibã (1996)	11
4.4 – Guerra de 2001 e a queda do regime Talibã	12
4.5 – A retomada do poder pelo Talibã (2021).....	13
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	14
APÊNDICE II - Posicionamento de países.....	18

INTRODUÇÃO

1 – O Conselho de Segurança das Nações Unidas (CSNU)

O Conselho de Segurança das Nações Unidas (CSNU) faz parte da estrutura permanente da ONU e sua criação se deu concomitantemente com criação da própria. É o órgão líder da Organização sendo responsável pela manutenção da paz e segurança internacionais. O artigo 30 da Carta das Nações Unidas afirma que o CSNU pode adotar suas próprias regras de procedimento e resolução de conflitos, além de possuir o *caráter mandatório*, ou seja, todos os Estados Membros são obrigados a cumprir as decisões do Conselho.

Em vários casos, o Conselho assume a liderança para determinar a existência de uma ameaça à paz ou ato de agressão. Ele chama as partes em uma disputa para resolvê-la por meios pacíficos e recomenda métodos de ajuste ou termos de solução. Em alguns casos, o Conselho de Segurança pode recorrer à imposição de sanções ou mesmo autorizar o uso da força para manter ou restaurar a paz e a segurança internacional.

O Conselho possui 15 membros e cada membro tem um voto. 5 destes são membros permanentes, sendo eles: China, Estados Unidos, França, Reino Unido e Rússia. E os outros 10 são rotativos. Os membros rotativos são escolhidos pela Assembleia Geral, dentre os não permanentes, tendo como principal requisito a contribuição para a manutenção da paz e da segurança internacional, além de outros propósitos da ONU. Ademais, a eleição dos membros rotativos observará uma distribuição geográfica equitativa. Isto significa que todos os continentes estarão representados no Conselho (NETO, 2020).

Segundo a Carta das Nações Unidas, as funções e poderes do Conselho de Segurança são:

1. Manter a paz e a segurança internacionais de acordo com os princípios e propósitos das Nações Unidas;
2. Investigar qualquer disputa ou situação que possa levar a fricções internacionais;
3. Recomendar métodos para ajustar tais disputas ou os termos da solução;
4. Formular planos para o estabelecimento de um sistema para regular o armamento;
5. Determinar a existência de uma ameaça à paz ou ato de agressão e recomendar que ação deve ser tomada;
6. Solicitar aos Membros que apliquem sanções econômicas e outras medidas que não envolvam o uso da força para prevenir ou deter a agressão;
7. Para tomar medidas militares contra um agressor;

8. Recomendar a admissão de novos Membros;
9. Exercer as funções de fideicomissário das Nações Unidas em "áreas estratégicas";
10. Recomendar à Assembléia Geral a nomeação do Secretário-Geral e, juntamente com a Assembléia, eleger os juízes do Tribunal Internacional de Justiça.

2 - História do Afeganistão



Por Trinaliv - Obra do próprio, CC BY-SA 4.0, <https://commons.wikimedia.org/w/index.php?curid=88692844>

O Afeganistão é um país sem litoral, montanhoso, localizado no centro da Ásia, na encruzilhada entre o Sul da Ásia, a Ásia Central e a Ásia Ocidental. Faz fronteira com o Paquistão ao sul e ao leste, com o Irã ao oeste, com o Turcomenistão, Uzbequistão e Tajiquistão ao norte e com a China no nordeste.

O território do Afeganistão foi um ponto essencial para a rota da seda e para a migração humana. Apesar de ter numerosos rios e reservatórios, grande parte do país está seco.

Com a capital em Cabul, tendo 32 milhões de habitantes (46 hab/km²), o Afeganistão é um dos países mais pobres e inóspitos do mundo. A instabilidade política e os conflitos internos arruinaram a sua já débil economia e infraestruturas a tal ponto que um terço da população afegã abandonou o país.

O Afeganistão é um país extremamente pobre com índice de desenvolvimento baixo e altos níveis de violência e desnutrição infantil. Sua economia se baseia principalmente na

agricultura (principalmente da papoula - matéria-prima do ópio) e na criação de gado. A economia sofreu fortemente com a recente agitação política e militar, e uma severa seca veio se juntar às dificuldades da nação entre 1998 e 2001.

3 - Talibã

O Talibã é um grupo fundamentalista sunita que surgiu no Afeganistão, em 1994. Se originou do cenário de instabilidade que o Afeganistão vivia durante o período da Guerra Civil Afegã e foi formado por membros da etnia *pachto*, majoritária no Afeganistão. Seu objetivo era conquistar o país durante a Guerra Civil Afegã (1989-2001), e, conseqüentemente, impor sua visão radical da lei islâmica.

3.1 – Formação do Talibã

Formou-se com a adesão de estudantes das *madrassas*, que eram escolas religiosas. Grande parte dessas escolas se localizavam em território do Paquistão, país vizinho no qual também há uma parcela expressiva de *pachtos*. A influência desses estudantes no surgimento do Talibã foi tão grande que o nome do grupo deriva de *taliban*, que em *pachto* significa “estudantes”. Esses estudantes queriam garantir paz e segurança ao Afeganistão, segundo discurso oficial, mas desejavam também impor uma interpretação radical da lei islâmica, a Sharia.

Mas o que é a Sharia? A BBC News apresenta uma definição sucinta e completa: “A Sharia é o sistema jurídico do Islã. É um conjunto de normas derivado de orientações do Corão, falas e condutas do profeta Maomé e jurisprudência das fatwas - pronunciamentos legais de estudiosos do Islã. Em uma tradução literal, Sharia significa ‘o caminho claro para a água’” (2021). A Sharia possui disposições sobre todos os aspectos da vida cotidiana, incluindo direito de família, negócios e finanças.

É importante destacar que o Talibã é, oficialmente, considerado como organização terrorista pela Rússia, União Europeia, Estados Unidos, Canadá, Emirados Árabes Unidos e Cazaquistão.

4 – Contexto Histórico

Para compreender a ascensão do Talibã ao governo do Afeganistão, é preciso explicitar seu contexto histórico, social e político. Em primeiro lugar, após a independência do Afeganistão do Reino Unido em 1921, a nação torna-se uma monarquia. Em 1956, Mohammed

Daoud Khan, o primo do então rei Zahir Shah, assume o posto de primeiro-ministro e alinha o Afeganistão às políticas da União Soviética (U.R.S.S).

Em 1973, Khan depõe o rei em um golpe militar, instaurando uma república e autodeclara sua presidência. Então, propôs a formulação de uma nova constituição que, dentre outros pontos, concedia mais direitos às mulheres. Essa modernização do Afeganistão proposta por Khan, por meio do alinhamento com a U.R.S.S e com a declaração de uma nova constituição, causou a constituição e ascensão de um grupo comunista que defendia que as transformações sociais não deveriam seguir as propostas do ocidente, mas sim ser baseadas nos princípios islâmicos. Entre outros fatores, foram esses motivos que iniciaram as chamadas Guerras Civis Afegãs.

4.1 – Guerra Civil Afegã

A primeira fase desse combate é a chamada Revolução de Saur. Em 27 de abril de 1978, os militares realizaram um golpe de Estado, chefiado pelos partidos comunistas unificados Khalq e Parcham. O novo governo comunista do Afeganistão encontrou resistência aos seus programas. Então, a pedido do governo, a União Soviética interveio com suas forças armadas. Mesmo com o apoio soviético, o governo não logrou controlar efetivamente o país e impedir a rebelião, que recebia apoio do Paquistão, dos EUA e da Arábia Saudita. A União Soviética retirou suas tropas em 1989.

O governo comunista que liderava o país entrou em colapso com a retirada das forças militares da União Soviética do país já que a partir deste momento, desenvolveu-se uma pesada luta de guerrilha entre o governo de Kabul e os *mujahedins*. A responsabilidade de lutar contra os rebeldes islamitas ficou apenas com o governo afegão. Depois de três anos de luta (1989-1991), o país já estava completamente sob controle dos *mujahedins*. Em 1992, cria-se o Estado Islâmico do Afeganistão.

4.2 – Desentendimentos entre a nova liderança

Após tomar o poder, a união dos mujahidin desfez-se e começou um período de lutas internas. Gulbuddin Hekmatyar (líder mujahidin afegão, fundador e comandante do partido político/grupo paramilitar Hezb-e Islami) foi apontado como o responsável por um devastador ataque de foguetes contra Cabul (a capital do país), e Dostum começou a atacá-lo. Este último juntou suas forças às de Hekmatyar e os combates destruíram grande parte de Cabul, enquanto que o país foi dividido conforme as suas etnias.

Em 1994, formou-se o movimento dos talibãs no sul do país, com apoio paquistanês, o qual rapidamente obteve vitórias contra Dostum e o comandante tadjique Ahmad Shah Massoud. E, em 1996, os talibãs tomaram a capital.

Após a queda de Cabul, Dostum e Massoud uniram-se para formar a Frente Unida Islâmica para a Salvação do Afeganistão (ou Aliança do Norte). Naquele período, os talibãs continuaram a avançar contra a Aliança até controlar 95% do território afegão. Dostum viu-se forçado a abandonar o Afeganistão, e Massoud foi assassinado em 9 de setembro de 2001.

4.3 – Estabelecimento do Estado Islâmico do Afeganistão, controlado pelo Talibã (1996)

O Emirado Islâmico do Afeganistão (em pastó, د افغانستان اسلامي امارت), também conhecido como Primeiro Emirado Islâmico do Afeganistão, foi um estado parcialmente reconhecido internacionalmente. Foi quando a maior parte do regime islâmico estabelecido pelos fundamentalistas talibãs tomaram a cidade de Cabul e obrigaram as autoridades anteriores, também fundamentalistas, a fugirem. Este governo foi derrubado com a invasão dos Estados Unidos em 2001.

Até o final de 2000, o Talibã foi capaz de capturar 90% do país, com exceção de uma parte no norte que estava sob domínio da Aliança do Norte, grupo de oposição ao Talibã. O Talibã tentou impor uma interpretação estrita da lei islâmica, a Sharia, e depois foram apontados como partidários dos mujahideen, principalmente por abrigar a rede de Osama bin Laden, a Al-Qaeda.

Durante a história de cinco anos do Emirado islâmico, grande parte da população experimentou restrições à sua liberdade e às violações dos direitos humanos. O governo Talibã foi reacionário e autoritário. Uma prática comum desses radicais no período eram as execuções públicas. As mulheres eram proibidas de trabalhar, as meninas proibidas de frequentar escolas ou universidades. Aqueles que resistiram foram punidos imediatamente. Os comunistas foram sistematicamente erradicados e os ladrões foram punidos por amputar uma de suas mãos ou pés.

Após o duro tratamento do Talibã às etnias xiitas do Afeganistão, o Irã intensificou a assistência à Aliança do Norte. As relações com o Talibã se deterioraram ainda mais em 1998, após as forças talibãs tomarem o consulado iraniano em Mazar-e Sharif e executarem diplomatas iranianos. Na sequência deste incidente, o Irã quase entrou em guerra com o Talibã no Afeganistão, mas a intervenção do Conselho de Segurança das Nações Unidas e dos Estados Unidos impediram uma iminente invasão iraniana.

O governo Talibã só teve o reconhecimento internacional de três países na época: Paquistão, Arábia Saudita e Emirados Árabes Unidos.

4.4 – Guerra de 2001 e a queda do regime Talibã

A Guerra do Afeganistão de 2001 foi um conflito iniciado com a invasão do Afeganistão por tropas lideradas pelos Estados Unidos. Esse conflito foi parte do que foi nomeado pelo governo norte-americano como “guerra ao terror” (como uma resposta aos atentados de 11 de setembro) e tinha como objetivo derrubar o Talibã do poder afegão e destruir a Al-Qaeda.

A Al-Qaeda é outra organização fundamentalista sunita, e, na época, era liderada pelo saudita Osama bin Laden. Esse grupo se abrigava no território do Afeganistão, usando o país como base para o treinamento de novos terroristas. Isso acontecia com a autorização do governo Talibã. O governo estadunidense exigiu que o Talibã expulsasse a Al-Qaeda de seu território e entregasse Osama bin Laden para que ele pudesse ser julgado e preso. Como o Talibã se recusou a atender as exigências norte-americanas, o governo dos Estados Unidos aliou-se com a Aliança do Norte e deu início à invasão do Afeganistão, em outubro de 2001.

A princípio, a invasão por parte dos Estados Unidos não tinha o apoio da Organização das Nações Unidas, mas, posteriormente, a própria ONU enviou tropas ao Afeganistão para garantir a segurança do país.

Dois meses depois, o Talibã foi derrubado. Foi nesse contexto que o grupo passou por um período de enfraquecimento, mas não deixou de existir. Ele se escondeu em partes do Afeganistão e estendeu suas ações para o Paquistão. Desde então, o Talibã se financiou por meio de extorsão da população, doação e produção de ópio.

A partir de 2004, o Talibã retomou seu poderio militar e deu início a uma série de ataques contra tropas estadunidenses no interior do Afeganistão. Foi preciso que os Estados Unidos reforçassem suas posições no país com o envio de mais soldados. Os esforços para reconstrução do Afeganistão não tiveram muito efeito, porque os governos democráticos que surgiram no país tinham sua influência limitada aos arredores de Cabul, a capital. Além disso, a corrupção dos novos governos impediam o desenvolvimento do país.

Depois da derrota do Talibã em Novembro de 2001 e da formação da Autoridade Afegã Interina (AAI) resultante do acordo de Bonn de Dezembro de 2001, os esforços internacionais para reconstruir o Afeganistão foram o tema da *Conferência de Doadores de Tóquio para a Reconstrução do Afeganistão* em Janeiro de 2002, onde foram atribuídos 4,5 bilhões de dólares a um fundo a ser administrado pelo Banco Mundial. As áreas prioritárias de reconstrução eram: a construção de instalações de educação, saúde e saneamento, o aumento das capacidades de

administração, o desenvolvimento de setores agrícolas e o de reconstrução das ligações rodoviárias, energéticas e de telecomunicações.

4.5 – A retomada do poder pelo Talibã (2021)

Ao longo de 20 anos, o Afeganistão manteve-se ocupado por tropas estadunidenses, que atuavam como forças de segurança enquanto as potências mundiais procuravam reorganizar a administração do país. Com o passar dos anos, a Guerra do Afeganistão tornou-se desgastante para os Estados Unidos, devido à grande presença de cidadãos norte-americanos no Afeganistão, o acúmulo de mortes e os altos gastos do conflito.

O governo de Barack Obama prometeu retirar as tropas norte-americanas do Afeganistão, mas não cumpriu sua promessa. Por outro lado, o governo de Donald Trump deu início a negociações com o Talibã para consolidar a retirada das tropas norte-americanas do país. O presidente se comprometeu a retirar as tropas do Afeganistão caso o Talibã não aceitasse mais receber a Al-Qaeda no território do país. No entanto, não finalizou as negociações e, por isso, as tropas não foram retiradas. Foi no governo de Joe Biden que a retirada aconteceu, no final de agosto de 2021.

A notícia da retirada norte-americana incentivou o Talibã a realizar uma grande ofensiva militar no Afeganistão. Eles já comandavam grande parte do território afegão e acabaram dominando uma série de outras regiões a partir do mês de agosto.

As tropas norte-americanas se retiraram do Afeganistão de fato em agosto de 2021, e o presidente afegão, Ashraf Ghani, fugiu, temendo ser preso pelo Talibã. Os Estados Unidos abandonaram o Afeganistão do mesmo jeito que o encontraram em 2001: com o Talibã no poder. O único objetivo alcançado pelos norte-americanos no conflito foi a execução de Osama bin Laden, realizada em maio de 2011.

O Talibã retornou ao poder do Afeganistão, oficialmente falando, depois de ter conquistado a capital do país, Cabul. A principal questão é que as autoridades norte-americanas não esperavam que o Talibã fosse re-conquistar o país com tamanha facilidade, e o grande choque se deu porque o grupo conquistou todo o Afeganistão em menos de duas semanas, além da capital do país ter sido conquistada sem nenhuma resistência. Dentre os motivos por que o Talibã teve tamanha facilidade em re-conquistar o Afeganistão, analistas internacionais levantaram as seguintes hipóteses: o exército afegão ficou sem apoio aéreo com a retirada dos norte-americanos; a desmoralização das tropas afegãs; o governo afegão foi fraco e não motivou as tropas a lutarem e a corrupção no governo e exército afegãos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Logo, a situação do Afeganistão preocupa a comunidade internacional. As consequências da ascensão do Talibã no país do centro da Ásia, afetam as comunidades e Estados próximos e, também, os que estão mais distantes.

REFERÊNCIAS

About. **UNAMA**. Disponível em: <https://unama.unmissions.org/about>. Acesso em: 23 mar. 2022.

BBC News. Afeganistão: como era a vida das mulheres antes do Talibã. **G1**, 17 set. 2021. Disponível em: <https://g1.globo.com/mundo/noticia/2021/09/06/afeganistao-como-era-a-vida-das-mulheres-antes-do-taliba.ghtml>. Acesso em: 25 mar. 2022.

BBC News. Mapas mostram que o Talibã já retomou metade do Afeganistão com saída dos EUA. **G1**, 4 ago. 2021. Disponível em: <https://g1.globo.com/mundo/noticia/2021/08/04/taliba-mapas-mostram-que-grupo-ja-retomou-metade-do-afeganistao-apos-saida-dos-eua.ghtml>. Acesso em: 25 mar. 2022.

História do Afeganistão. **10 em tudo**. Disponível em: <https://www.10emtudo.com.br/artigo/historia-do-afeganistao/#:~:text=At%C3%A9%201973%2C%20quando%20foi%20proclamada,que%20estabeleceu%20um%20conselho%20provis%C3%B3rio>. Acesso em: 23 mar. 2022.

Líderes mundiais reagem à chegada do Talibã ao poder no Afeganistão. **G1**, 16 ago. 2021. Disponível em: <https://g1.globo.com/mundo/noticia/2021/08/16/lideres-mundiais-reagem-a-chegada-do-taliba-ao-poder-no-afeganistao.ghtml>. Acesso em: 18 abr. 2022.

O que é o Conselho de Segurança? **Conselho de Segurança das Nações Unidas**. Disponível em: <https://www.un.org/securitycouncil/>. Acesso em: 23 mar. 2022.

PRESSE, The Grance. Rússia, China e Irã defendem colaboração com o Talibã no Afeganistão. **G1**, 20 out. 2021. Disponível em: <https://g1.globo.com/mundo/noticia/2021/10/20/russia-china-e-ira-defendem-colaboracao-com-o-taliba-no-afeganistao.ghtml>. Acesso em: 18 abr. 2022.

ROGGIO, Bill; TOBIN, Andrew. Half of Afghanistan's provincial capitals under threat from Taliban. **FDD's Long War Journal**, 15 jul. 2021. Disponível em: <https://www.longwarjournal.org/archives/2021/07/nearly-half-of-afghanistans-provincial-capitals-under-threat-from-taliban.php>. Acesso em: 25 mar. 2022.

SILVA, Daniel Neves. Talibã. **História do Mundo**. Disponível em: <https://www.historiadomundo.com.br/idade-contemporanea/taliba.htm>. Acesso em: 25 mar. 2022.

_____. Guerra do Afeganistão de 2001. **História do Mundo**. Disponível em: <https://www.historiadomundo.com.br/idade-contemporanea/guerra-do-afeganistao-de-2001.htm>. Acesso em: 25 mar. 2022.

_____. Retomada do poder pelo Talibã. **História do Mundo**. Disponível em: <https://www.historiadomundo.com.br/idade-contemporanea/taliba-e-seu-retorno-ao-poder-do-afeganistao.htm>. Acesso em: 25 mar. 2022.

Refugiados: Países planejam receber refugiados afegãos após tomada de poder pelo Talibã. **CNN Brasil**, 20 ago. 2021. Disponível em? <https://www.cnnbrasil.com.br/internacional/paises->

[planejam-receber-refugiados-afegaos-apos-tomada-de-poder-pelo-taliba/](#). Acesso em: 25 mar. 2022.

ROCELLO, Mariane. Talibã e mulheres: entenda a relação do grupo com o acesso à educação universal. EstudarFora.Org, 8 abr. 2022. Disponível em: <https://www.estudarfora.org.br/taliba-e-mulheres/>. Acesso em: 25 mar. 2022.

União Europeia diz que não reconhece o Talibã e que não mantém negociações. **CNN Brasil**, 21 ago. 2021. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/internacional/uniao-europeia-diz-que-nao-reconhece-o-taliba-e-que-nao-mantem-negociacoes/>. Acesso em: 18 abr. 2022.

UN Documents for Afghanistan: Security Council Resolutions. **Security Council Report**. Disponível em: https://www.securitycouncilreport.org/un_documents_type/security-council-resolutions/page/4?ctype=Afghanistan&cbtype=afghanistan#038;cbtype=afghanistan. Acesso em: 23 mar. 2022.

APENDICE I – Perguntas a serem respondidas pelo comitê

1. Questões políticas:

- Como o governo do Afeganistão pode ser retomado democraticamente;
- Como garantir a segurança nacional do país e a segurança internacional;

2. Questões sociais:

- Como garantir o acesso a educação de meninas e mulheres no país;
- Como garantir a segurança das pessoas que saem do país;
- Quais são as medidas para acolher os refugiados;

3. Questões territoriais:

- Perigo de violação das fronteiras dos países vizinhos ao Afeganistão;

4. Quais serão as ações do Conselho de Segurança em relação ao Talibã.

APÊNDICE II - Posicionamento de países

MEMBROS PRESENTES E VOTANTES

China

A China possui relação amigável com o Talibã. Tendo uma pequena fronteira em comum, de 70 quilômetros, o Afeganistão e a China compartilham de interesses comerciais mútuos. O país se dispôs a enviar ajuda humanitária de urgência ao Afeganistão, ficou acordado que virá da China um carregamento com grãos, equipamento de inverno, vacinas e medicamentos no valor de 26 milhões de euros (159 milhões de reais).

A jornalista do El País, Macarena Vidal Liy diz que “A sondagem entre os novos líderes afegãos e a China é recíproca: ambos esperam ser beneficiados pela relação, mas querem receber provas de que podem confiar um no outro. O Governo de Xi Jinping se mostrou disposto a colaborar com a milícia e ajudar no processo de reconstrução após a retirada dos Estados Unidos e seus aliados após 20 anos de guerra; a longo prazo, e se o país conseguir se estabilizar, a China se interessa pelas riquezas minerais que podem existir no subsolo afegão, cuja extração foi impossibilitada por uma geografia complicada e as décadas de constante conflito.” (2021).

EUA

Como um dos principais personagens dessa narrativa, os Estados Unidos têm papel importante na luta do que denominaram como “Guerra ao Terror”. Grande expressão dessa é a busca pela derrota do Talibã e demais grupos terroristas. Com o ataque de 11 de setembro em território estadunidense, o antagonismo ao Talibã cresceu e ainda é presente nesse país. Ao entrarem no Afeganistão, em 2001, conseguiram suspender temporariamente o poder do grupo no país, no entanto, o Talibã ainda exercia influência em diversas áreas e comunidades, por isso, com a decisão estadunidense de retirar as tropas, o grupo rapidamente retomou o poder. É a partir disso que fica evidente porque os Estados Unidos possuem diversas políticas voltadas ao combate de grupos antidemocráticos e autoritários.

França

Com histórico de luta contra o terrorismo, principalmente no Iraque, a França se mantém contrária a presença do Talibã no Afeganistão. No entanto, o foco da nação francófona é a ajuda humanitária e a retirada segura dos afegãos da zona de conflito. A França conseguiu evacuar 2.834 pessoas: 142 franceses, 17 europeus e mais de 2 600 afegãos desde 17 Agosto de 2021.

Reino Unido

O Reino Unido é um dos países da Europa que mais deve receber refugiados afegãos, as estimativas são de mais de 20 mil pessoas, nos próximos anos. No final de 2021, o Reino Unido também confirmou que as operações de evacuação estão encerradas, sendo que já haviam retirado 14.500 pessoas, mas o porta voz britânico, Ben Wallace, admitiu que “algumas pessoas não conseguirão sair”. No domingo, após o grupo extremista assumir o controle da capital, Cabul, Boris Johnson afirmou que nenhum país deveria reconhecer o Talebã como governo do Afeganistão. Houve uma tentativa por parte do governo do Talibã de quebrar seu isolamento diplomático ao se reunirem com o enviado do Reino Unido, Simon Gass, em um momento em que o novo governo busca "tranquilizar" a comunidade internacional, sobretudo, no que diz respeito à educação das meninas.

Rússia

A Rússia é o primeiro país em 2022 a reconhecer o governo do Talibã como legítimo. As condições foram que a Rússia aceitaria o governo da facção islâmica desde que o grupo aplicasse políticas moderadas tanto dentro quanto fora do território afegão. Seu principal objetivo com o reconhecimento do governo Talibã é garantir a estabilidade na Ásia, ameaçada pela atividade de grupos extremistas islâmicos e pelo risco de uma grave crise humanitária. Há a vontade de cooperar com o regime talibã em questões de segurança, sendo que a Rússia, China e Irã pediram em conjunto que os novos líderes em Cabul adotem "políticas favoráveis aos países vizinhos do Afeganistão e trabalhem em prol da paz sustentável e da segurança e prosperidade a longo prazo".

Bélgica

Como parte da União Europeia, a Bélgica não reconhece o Talibã como governo e não mantém negociações. Seus principais objetivos são a retirada de civis do país.

Dois aviões, com 226 pessoas retiradas de Cabul, aterrissaram nos arredores de Bruxelas.

Costa do Marfim

Alinhada à política francesa, a Costa do Marfim é contrária à presença do Talibã e, por isso, não o reconhece. Seu desejo é a retirada segura de civis do Afeganistão e a ajuda humanitária dos que ficaram.

República Dominicana

Com sua história marcada por violência e revolução, a República Dominicana é contrária à presença do Talibã. Seus pensamentos se alinham diretamente com os dos Estados Unidos pois acreditam na luta contra o terror.

Guiné Equatorial

A Guiné Equatorial está entre os países que pressionaram o Talibã para saber sobre as mortes e desaparecimentos dos líderes do governo democrático afegão. Isto posto, a Guiné não reconhece o governo do Talibã como legítimo e sua maior preocupação é com a ajuda humanitária a ser enviada ao Afeganistão.

Alemanha

A Alemanha descarta reconhecer o governo do Talibã. No entanto, o país mantém o canal de comunicação com o grupo aberto com o intuito de resgatar estrangeiros e também afegãos que ajudaram as forças aliadas da Otan. A primeira-ministra da Alemanha, Angela Merkel, chamou o retorno do Talibã ao poder de situação “amarga, dramática e aterrorizante”. De acordo com ela, esforços serão feitos para oferecer apoio e refúgio, especialmente para a equipe de apoio afegã que ajudou os militares alemães. A Alemanha deve repatriar 10 mil pessoas no total, incluindo mais de 2,5 mil afegãos que ajudaram as forças da OTAN durante o período de combate ao Talibã, além de advogados e militantes de direitos humanos. Além disso, a Alemanha ressalta que é preciso garantir ajuda aos países vizinhos que devem receber muitos afegãos em fuga para evitar uma nova crise de refugiados.

Indonésia

A relação entre Indonésia e Talibã não é evidente, no entanto, em 2018, Talibãs

afirmam que se reuniram com vice-presidente indonésio para tratar de acordos de paz no Afeganistão, sendo que os talibãs trouxeram o desejo da retirada das tropas internacionais, uma das suas principais exigências para conversar com o Governo afegão.

Kuwait

:

Fazendo fronteira com a Arábia Saudita, ao sul e ao norte com o Iraque, uma das maiores preocupações do governo do Kuwait é a presença de grupos terroristas e a entrada de refugiados. Não há relatório oficial sobre a relação do Kuwait com o Talibã, no entanto, devido a história do país é perceptível a apreensão deste para com o grupo autoritário.

Peru

Parte da América Latina, o principal intuito do Peru é garantir a recepção segura de refugiados afegãos no continente e em seu país. No entanto, estabelece suas limitações em relação a quantidade de pessoas que pode receber.

Polônia

A Polônia é contrária ao regime do Talibã. Sua população foi vítima de sequestros e ataques por parte do Talibã. Além disso, após a retomada de poder do Afeganistão por parte do grupo em 2021, a Polônia passou a abrigar mais de mil afegãos.

África do Sul

A África do Sul afirma que "não está em condições" de acolher em seu território refugiados afegãos que fugiram do país depois que o Talibã assumiu o controle de Cabul. o Ministério das Relações Exteriores diz que A África do Sul já acolhe um número significativo de refugiados e deve responder às suas necessidades. A maioria deles se beneficia de cuidados de saúde gratuitos e assistência social. Além disso, em África, cresce a preocupação e o receio dos países que lutam para esmagar as insurgências islâmicas a partir do retorno do Talibã ao poder.

MEMBROS PRESENTES E NÃO VOTANTES

Talibã

O governo do Talibã busca reconhecimento internacional e deseja sair de seu isolamento econômico. Sendo o personagem principal dessa narrativa, o Talibã procura estabelecer seu poderio por todo o Afeganistão e manter-se no poder. Suas principais metas são aplicar a Sharia em todo o país, estabelecer relações comerciais com os países dispostos e ser reconhecido pela comunidade internacional.

Afeganistão

O Afeganistão é o país mais afetado pela presença do Talibã. Suas principais questões são a violação dos direitos humanos, principalmente das mulheres, e a desumanização dos afegãos, por meio das condições insustentáveis que vivem. O alto número de pessoas que saem do país como refugiadas é preocupante, estima-se que mais de 200 mil pessoas foram evacuadas. No entanto, há uma preocupação constante e sempre crescente, com os civis que ficaram no país. Então, há a necessidade de ajuda humanitária para o país.

Árabia Saudita

A Árabia Saudita foi uma das três únicas nações no mundo a reconhecer o governo na primeira vez que o grupo islamista dominou o Afeganistão, de 1996 a 2001. Já tendo cooperado no passado, o Talibã e a Arábia Saudita agora estão separados por diferenças políticas e culturais, assim como por uma história problemática. No entanto, é improvável que a relação histórica da Arábia Saudita com o Talibã seja rapidamente reavivada visto que, atualmente, o país é parceiro comercial dos Estados Unidos.

Irã

A relação entre Irã e o Talibã é nebulosa, mas o país tende a apoiar o grupo. Ao mesmo tempo que o país busca abrir as suas fronteiras para receber afegãos, ele também possui contato constante com o Talibã. A porosa fronteira do Irã com o Afeganistão, por onde passam migrantes, drogas e grupos armados, definiu suas relações com o Talibã. Ao longo dos anos, autoridades afegãs e estadunidenses acusaram repetidamente o Irã, especificamente a Guarda Revolucionária, de fornecer apoio financeiro e militar ao Talibã. Além disso, a cooperação de segurança do Irã com o Talibã também se baseia na hostilidade compartilhada em relação a potências ocidentais, como os Estados Unidos e o Reino Unido. No final de 2018, o Irã reconheceu publicamente pela primeira vez acolher delegações do Talibã.

Iraque

Atualmente, o governo eleito no Iraque enfrenta o desafio de reconstruir um país devastado por mais de dez anos de embargo geral e décadas de guerra. Por esta razão, o governo iraquiano tem direcionado esforços no sentido de captar recursos para o país, realizando reformas econômicas que visam atrair investidores de todas as partes do mundo. Além disso, a presença do grupo terrorista, Al Qaeda, no Iraque torna a relação com a comunidade internacional complicada. O contato com o Afeganistão se deu em muitos pontos da história dos dois países, no entanto, a política de reconstrução do Iraque hoje mantém-se democrática e anti-autoritária.

Turcomenistão

Em 2021, foi realizada uma cúpula que reflete suas preocupações com o avanço dos talibãs e o risco de caos no vizinho Afeganistão por cinco países da Ásia-Central, entre eles, o Turcomenistão. Os talibãs também desafiam as forças do governo afegão com seus avanços nas províncias próximas aos três antigos territórios soviéticos que cercam o país - Tadjiquistão, Turcomenistão e Uzbequistão -, graças à retirada das forças americanas e de seus aliados. O objetivo do país é um cessar-fogo e a paz no continente.

Paquistão

O governo do Paquistão mantém um discurso ambíguo em relação ao Talibã. Em primeiro lugar, com a retirada das tropas americanas do Afeganistão, o Paquistão está em uma situação complicada, pois os dois países compartilham uma fronteira de 2.430 km, conhecida como Linha Durand, e têm uma história cheia de desconfiança. Em segundo, o principal temor no Paquistão é que uma guerra civil no Afeganistão constitua "um grande desafio" para restaurar a paz em toda a região. Por outro lado, há poucas dúvidas de que muitos afegãos que inicialmente aderiram ao movimento do Talibã foram educados nas madrassas (escolas religiosas) no Paquistão. Além disso, no passado, o Paquistão foi um dos únicos três países, ao lado da Arábia Saudita e dos Emirados Árabes Unidos, a reconhecer o Talibã quando assumiu o poder. E foi a última nação a romper relações diplomáticas com o grupo.

Uzbequistão

Sendo um país vizinho do Afeganistão, o Uzbequistão é afetado diretamente pela ascensão do Talibã. O país vem adotando uma postura pragmática diante do retorno dos talibãs ao poder no Afeganistão. Uma das principais preocupações do país em relação à ascensão do Talibã são as violações de fronteiras.

Sendo assim, não é estranho que o país seja um dos primeiros a dialogar com o novo governo do Afeganistão. Em 2021, representantes do movimento talibã no Afeganistão viajaram ao Uzbequistão para realizar negociações sobre comércio e o envio de ajuda humanitária. Segundo o ministério do país centro-asiático, o diálogo incidiu sobre temas relacionados com o comércio e as relações econômicas, a segurança fronteiriça, a cooperação no âmbito energético, o transporte internacional de mercadorias e o trânsito.

Tadjiquistão

O Tadjiquistão como país vizinho do Afeganistão é diretamente afetado pela ascensão do Talibã. Em menos de dois dias após os avanços do Talibã, mais de 347 afegãos fugiram para o Tadjiquistão. As principais preocupações do país são os refugiados e o perigo da violação de fronteiras.

Turquia:

A Turquia como país de peso da região, demonstra preocupação com a ascensão do Talibã ao poder. No entanto, foi um dos primeiros países a abrir o espaço para conversa com o grupo logo após a retirada de tropas do Afeganistão e a tomada de Cabul pelos talibãs. O presidente turco, Recep Tayyip Erdogan, afirma que "Não se pode saber que expectativas eles têm, ou quais são as nossas, se não houver diálogo. O que é diplomacia, meu amigo? Diplomacia é isso", sobre manter a linha de comunicação com o grupo aberta.

Egito

O Egito concordou em cooperar com a comunidade internacional para manter a estabilidade no Afeganistão. Não há indícios de condenação por parte do governo egípcio em relação ao Talibã, mas assim como na África do Sul, há a preocupação e o receio com as insurgências islâmicas em África.

Costa Rica

O país condenou oficialmente as ações do Talibã e não o reconhece como governo. Sua principal área de atuação é a recepção de refugiados afegãos, dando prioridade a mulheres e meninas. O governo da Costa Rica anunciou a criação de uma frente humanitária para mulheres e meninas afegãs. Epsy Campbell, vice-presidente do país, disse no Twitter que a Costa Rica decidiu abrir suas fronteiras e apelou aos demais países do mundo para agirem verdadeiramente como “Nações Unidas”.

Nigéria

Assim como em outros países do continente africano, na Nigéria aumenta a preocupação e o receio em relação às insurgências islâmicas. Sendo palco de um grupo extremista chamado Boko Haram (que quer dizer "educação é proibida"), o governo nigeriano teme que as ações dos talibãs inspirem esse grupo a avançar sobre as populações, territórios e, eventualmente, o próprio corpo político.

Índia

A Índia demonstra grande preocupação com a ascensão do Talibã ao poder no Afeganistão. Ela teme que o retorno represente uma injeção de ânimo para os rebeldes na Caxemira controlada por Nova Délhi, uma região de população majoritariamente muçulmana onde a tensão aumenta. O primeiro-ministro indiano, Narendra Modi, declarou no sábado 25 de setembro de 2021 na Organização das Nações Unidas (ONU) que “É absolutamente essencial garantir que o território do Afeganistão não seja usado para desenvolver o terrorismo e para ataques terroristas”, sua principal preocupação é com o governo Paquistão, que apelou ao mundo para trabalhar com os novos líderes em Cabul.

Coreia do Sul

A Coreia do Sul já teve tropas em território Afegão, durante 2009 e 2011, no entanto, as movimentações feitas pelo Talibã, de sequestrar sul-coreanos, fez com que as tropas fossem retiradas. Em 2021, a Coreia do Sul fechou as suas embaixadas na capital do Afeganistão. Além disso, uma das principais medidas que a Coreia do Sul está tomando é a atenção às ações do governo chinês.

Japão

O Japão concordou em cooperar para manter a estabilidade no Afeganistão, no entanto, fechou as suas embaixadas em Cabul e retirou os seus diplomatas e funcionários de apoio que ainda estavam na capital do Afeganistão, depois que o Talibã efetivamente tomou o controle do país. Tóquio não chegou a enviar militares ao Afeganistão, mas teve um papel importante na execução de projetos de infraestrutura durante a tentativa de desenvolver o país nas duas décadas de presença dos Estados Unidos e da Otan. Assim como a Coreia do Sul, o Japão está observando as ações que a China pretende tomar em relação ao Afeganistão.

Jordânia

A Jordânia tem histórico de ser contrária ao regime autoritário do Talibã. Em 2011, condenou jovens de seu país que tentavam recrutar jordanianos para lutar ao lado do Talibã contra as tropas estadunidenses. Além do mais, a Jordânia no final de 2021 aprovou que 2.500 afegãos cruzassem seu território em rota para os Estados Unidos, informou a Agência Anadolu. A decisão jordaniana foi tomada “por razões puramente humanitárias, para contribuir na solução da crise humanitária no Afeganistão”, disse o porta-voz do Ministério das Relações Exteriores, Daifallah al-Fayez, em uma declaração.

Líbano

Como parte do continente asiático, o Líbano busca manter a estabilidade na região. Não há relatório oficial do país que reconheça ou não o Talibã como governo legítimo.

Noruega

O Talibã em janeiro de 2022, viajou à Noruega para negociações sobre direitos humanos, no entanto, o Ministro das Relações Exteriores da Noruega afirmou que mesmo com o encontro, não estão "legitimando ou reconhecendo" o governo do Talibã, mesmo que o convite tenha sido feito pelo governo norueguês. O ministro disse que a Noruega está extremamente preocupada com a grave situação no Afeganistão e, por isso, se faz necessário esse contato.

Portugal

Como membro da União Europeia, Portugal não reconhece o Talibã como governo legítimo do Afeganistão. Suas principais políticas estão voltadas para o acolhimentos de refugiados de forma segura.

Espanha

Como membro da União Europeia, a Espanha condena as ações do Talibã e não o reconhece como governo do Afeganistão. Além do mais, a Espanha trabalha para tirar o maior número de pessoas do Afeganistão, já em 2021, o país europeu retirou mais de 2,2 mil pessoas. Junto a isso, a Espanha anunciou que atribuiu 20 milhões de euros em ajuda humanitária ao Afeganistão. O chanceler espanhol aponta que a Espanha está "comprometida com o povo afegão" há muitos anos e que intensificará a ajuda nesse momento de crise.

Canadá

Como parte do norte do continente americano, o Canadá criou um programa especial de imigração para oferecer refúgio a 20 mil afegãos, principalmente mulheres. Suas ações diplomáticas mostram o desagrado do país com o regime do Talibã, especialmente, no que tange às violações de direitos humanos.

México

O México foi o primeiro país da América Latina a receber refugiados afegãos. Um grupo de 124 afegãos foi recebido na Cidade do México e conseguiu asilo após Talibã assumir o poder no Afeganistão no final de 2021. Condenando as ações do grupo, a nação americana foca na recepção e acolhimento de refugiados.

Guatemala

Como parte do continente latino-americano, a Guatemala tem seu foco principal na assistência humanitária e na recepção de refugiados. Porém, não há relatório oficial do país que reconheça ou não o Talibã como governo legítimo.

Colômbia

O país condena as ações do Talibã e não o reconhece como governo. Dentre suas principais ações, está a recepção de refugiados afegãos, que dá prioridade a mulheres e meninas que temem ser novamente submetidas às leis draconianas do Talibã. No

entanto, a situação colombiana é incerta visto que muitos dos afegãos que chegaram ao território colombiano, não foram aceitos pelos Estados Unidos, o que os deixou em um limbo na Colômbia.

Chile

O Chile anunciou que receberá refugiados afegãos, dando prioridade a mulheres e meninas. O governo chileno indicou que receberá os refugiados que se dedicam a promover os direitos das mulheres e que se sentem ameaçados por exercer esse trabalho. Sebastián Piñera, presidente do Chile, afirmou que está empenhado em receber cerca de dez famílias por meio de programas da ONG Front Line Defenders, um número ínfimo, mas que indica um sinal de abertura.

Brasil

No Brasil, a principal forma de apoio aos afegãos afetados pela ascensão do Talibã foi o processo facilitado de pedido de refúgio, similar ao procedimento aplicado com os venezuelanos. Junto a isso, o Brasil avalia a possibilidade de concessão de visto humanitário. Ademais, não há relatório oficial que condene a ascensão do Talibã ao poder novamente.